

DESAFIANDO O CÂNONE LITERÁRIO BRASILEIRO: UMA ANÁLISE DE *TORTO ARADO* DE ITAMAR VIEIRA JÚNIOR

CHALLENGING THE BRAZILIAN LITERARY CANON: AN ANALYSIS OF *TORTO ARADO* BY ITAMAR VIEIRA JÚNIOR

Fábio Figueiredo Camargo¹

ROR Universidade Federal de Uberlândia

 fabiocamargo@ufu.br



Mariane Rezende Melazo²

ROR Universidade Federal de Uberlândia

 marianemelazo@hotmail.com



RESUMO: Este trabalho analisa o romance *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior, explorando como a obra desafia o cânone literário brasileiro ao ampliar a representação de vozes marginalizadas. Publicado na contemporaneidade, o livro narra a vida das irmãs Bibiana e Belonísia no interior da Bahia, abordando temas como identidade, memória coletiva e desigualdade. A perda da língua de Belonísia emerge como um evento simbólico que reflete a subalternização e marginalização enfrentadas por mulheres negras no Brasil. O estudo contextualiza o cânone literário brasileiro, historicamente dominado por perspectivas eurocêntricas, e discute de que maneira obras como *Torto Arado* contribuem para a reconstrução e diversificação desse cânone.

PALAVRAS-CHAVE: *Torto Arado*; Cânone Literário; Literatura Brasileira; Subalternidade; Identidade.

ABSTRACT: This paper analyzes the novel *Torto Arado* by Itamar Vieira Junior, exploring how the work challenges the Brazilian literary canon by expanding the representation of marginalized voices. Published in contemporary times, the book tells the story of the lives of sisters Bibiana and Belonísia in the interior of Bahia, addressing themes such as identity, collective memory, and inequality. Belonísia's loss of language emerges as a symbolic event that reflects the subalternization and marginalization faced by Black women in Brazil. The study contextualizes the Brazilian literary canon, historically dominated by Eurocentric perspectives, and discusses how works like *Torto Arado* contribute to the reconstruction and diversification of this canon.

KEYWORDS: *Torto Arado*; Literary Canon; Brazilian Literature; Subalternity; Identity.

REVISTA
Decifrar

(ISSN: 2318-2229)

Vol. 132, Nº. 24 (Jul-Dez/2024)

Informações sobre os autores:

1 Professor Associado II do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) onde é Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras/Estudos Literários. Possui Doutorado em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais(2007); Mestrado em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Minas Gerais (2000); Experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira.

2 Mestranda do Programa de Pós Graduação em Estudos Literários - Literatura, Movimentos Sociais e Revisão do Cânone da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bolsista CAPES. Graduada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), integrante ativa do grupo de pesquisa Marginália Decolonial/CNPQ.



10.29281/rd.v12i24.17057

Fluxo de trabalho

Recebido: 18/11/2024

Aceito: 17/05/2025

Publicado: 17/04/2025

Editora da Universidade Federal do Amazonas (EDUA)

Programa de Pós-Graduação em Letras

Faculdade de Letras

Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELIP)



Este trabalho está licenciado sob uma licença:



Verificador de Plágio





CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho se propõe a examinar a obra *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior, e sua relação com o cânone literário brasileiro, explorando como essa obra desafia as convenções estabelecidas. Publicado inicialmente em 2018 pela editora Leya em Portugal e, posteriormente, no Brasil em 2019 pela Editora Todavia, o romance lança luz sobre as vidas das irmãs Bibiana e Belonísia, ambientadas na fictícia fazenda Água Negra, no interior da Bahia.

Ao narrar as vivências desses personagens, Vieira Júnior não só proporciona uma reflexão aprofundada sobre as dinâmicas sociais e culturais do Brasil profundo, mas também desafia o cânone literário ao questionar suas restrições e fomentar o reconhecimento de histórias de indivíduos marginalizados que muitas vezes foram desconsideradas ou excluídas dos círculos literários predominantes.

Itamar Vieira Junior é baiano, nascido em Salvador e geógrafo de formação. O autor é funcionário do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) e foi a partir de seu trabalho diretamente ligado aos remanescentes de comunidades quilombolas que surgiu a ideia para a escrita do romance. Sobre o ato da escrita, em sua coluna para o jornal O Globo, o autor afirma que

(...) a palavra exerceu sobre mim um fascínio quase místico, a mesma atração que conheci humildemente os astros ou a vida dos animais. Na tentativa de adentrar na alma do mundo, percebi que se abriam janelas para outras dimensões além das que eu vivia. As palavras encurtavam distâncias, nomeavam coisas, lugares e sentimentos, além de servirem de alegria de vida para as personagens que passariam a fazer parte do meu mundo (Vieira Junior, 2024).

É nesse cenário de conexão profunda com a terra que nascem Bibiana e Belonísia, filhas de Zeca Chapéu Grande e Salustiana Nicolau. Crescendo em um ambiente rural, permeado pelo trabalho árduo e pela luta por posse da terra, as duas irmãs aprendem desde cedo a inventar alegrias a partir da escassez material. A mais velha, Bibiana, lembra como elas transformavam espigas de milho em bonecas, suprindo com imaginação o que lhes faltava em brinquedos. Essa visão infantil e criativa das irmãs revela a beleza e as dificuldades de quem busca sustentar a vida em uma relação quase espiritual com a terra, herança e resistência das comunidades quilombolas.

Cresci em meio às crenças de meu pai, de minha avó, e mais recentemente de minha mãe. Os objetos, os xaropes de



raízes, as rezas, as brincadeiras, os encantos que domavam seus corpos, tudo era parte da paisagem, do mundo em que crescíamos (Vieira Junior, 2019, p. 70).

Um cenário de escassez e de muito labor, que é totalmente transformado a partir de um evento traumático: uma das irmãs perde a língua. Já nas primeiras páginas da obra somos inseridos dentro desse evento que, de certa forma, interfere diretamente em todo o desenrolar da sequência da trama.

Donana é a avó das meninas, mãe de Zeca Chapéu Grande e uma mulher de idade, já tendo passado por incontáveis percalços ao longo de toda sua vida. A personagem muda-se para a casa da família após seus filhos partirem para diferentes lugares em busca de novas oportunidades de trabalho e vida. É a avó quem guarda o punhal que causará a perda do órgão, ao ser levado até a boca em um gesto de curiosidade e fascínio.

Gayatri Chakravorty Spivak (2014) define o sujeito subalterno como aquele que não tem voz política, ou aquele que tem voz e esta não é ouvida. Em *Torto Arado* esse ideal do sujeito sem voz supera o simbolismo quando o acidente ocorre, trazendo uma aura de mistério ao cotidiano. A perda da língua é uma das marcas significativas na vida da personagem ao longo da narrativa, e a acompanha como uma característica marcante de sua identidade e trajetória. Em *Pode o Subalterno falar?* a autora indiana afirma que a mulher se caracteriza como um sujeito duplamente subalterno, oprimida pela dominação masculina na construção ideológica do gênero e pela dominação imperial na divisão internacional do trabalho.

Tendo em vista esse conceito e a percepção de que Bibiana e Belonísia são personagens marginalizadas e subalternizadas por seu gênero e pelo contexto de trabalho em que vivem, ainda há o principal e mais importante fator agravante, ambas são mulheres negras. Devido às questões de gênero, as mulheres das classes mais baixas encontram-se numa posição mais marginalizada e obscura. Segundo a autora, “[...] as mulheres, como subordinadas, não conseguem falar e, quando tentam falar, não conseguem encontrar uma forma de se fazerem ouvir” (Spivak, 2012, p. 17-18).

1 O CÂNONE LITERÁRIO BRASILEIRO EM PERSPECTIVA CRÍTICA

O cânone literário refere-se a um grupo de obras literárias consideradas as mais importantes e influentes num período específico e numa tradição cultural específica. Estas obras são geralmente elaboradas por críticos literários, acadêmicos e instituições culturais em reconhecimento do seu valor artístico, impacto histórico e contribuição para o desenvolvimento da literatura. O significado de um clássico literário é amplo e inclui a integração de um conjunto de textos considerados “clássicos” ou dos melhores exemplos



literários de uma época ou lugar. Isto pode influenciar a forma como a literatura é ensinada, estudada e percebida, moldando o gosto, a identidade cultural e a visão de mundo.

No contexto da literatura, o cânone literário pode ser entendido como um conjunto de obras que são amplamente reconhecidas e valorizadas em determinado período e contexto cultural. Historicamente, o cânone literário ocidental tem sido dominado por obras produzidas por autores europeus e norte-americanos brancos, muitas vezes refletindo e reforçando as perspectivas coloniais e eurocêntricas.

O conceito de cânone literário, embora crucial para a compreensão do desenvolvimento e da apreciação das obras literárias ao longo do tempo, precisa ser visto criticamente à luz do contexto colonial que moldou profundamente o panorama cultural brasileiro. No Brasil, um país cuja história foi marcada pela colonização europeia e pela exploração das suas vastas riquezas naturais, o cânone literário foi construído principalmente para refletir os ideais e interesses da classe dominante branca europeizada. Este fenômeno não só exclui, mas também silencia as vozes e perspectivas de grupos marginalizados, como os povos indígenas, as pessoas de ascendência africana e outros estratos sociais não hegemônicos.

Sabemos que na América Latina a história dita “oficial” sempre foi exposta pelas vozes que faziam parte do pensamento dominante, essa história foi contada por aqueles que pertenciam aos grandes centros hegemônicos, o que revela toda uma perspectiva eurocêntrica. Durante todo o período de colonização, na posição de “vencedores”, os colonizadores contavam uma história onde eles mesmos eram os sujeitos principais. (Oliveira, 2015, p 35)

Essa construção do cânone literário privilegiou certas obras em detrimento de outras, frequentemente marginalizando vozes e perspectivas não conformes ao padrão estabelecido. No caso da literatura brasileira, o impacto desse fenômeno foi significativo, o cânone literário brasileiro é um aglomerado complexo que traz em si o reflexo não apenas das preferências estéticas e culturais, mas também as dinâmicas sociais e políticas que moldaram a identidade cultural do nosso país ao longo dos séculos.

A colonização no âmbito do saber é produto de um longo processo de colonialidade que continuou reproduzindo as lógicas econômicas, políticas, cognitivas, da existência, da relação com a natureza etc. que foram forjadas no período colonial (Wynter, 2003). Sylvia Wynter oferece uma perspectiva crítica sobre a colonização não apenas como um evento histórico, mas como um processo contínuo de “colonialidade”. Esse termo engloba não só as relações econômicas e políticas, mas também as estruturas cognitivas e as formas de

existência que foram estabelecidas durante o período colonial e que continuam a exercer influência sobre sociedades contemporâneas.

Durante séculos, a literatura brasileira foi moldada por padrões estéticos e ideológicos europeus, muitas vezes relegando à periferia narrativas indígenas, afro-brasileiras e de outros grupos marginalizados. Tal marginalização resultou em uma narrativa literária que não refletia adequadamente a diversidade cultural, étnica e social do Brasil.

Autores e obras que desviavam desses padrões frequentemente enfrentavam dificuldades para serem reconhecidos e valorizados no cânone literário dominante, ou ainda sofreram um branqueamento forçado como ocorre no caso de Machado de Assis, que, ao longo das décadas, teve sua imagem cada vez mais atrelada a um indivíduo branco e da alta classe e totalmente afastado da real figura do homem negro que era de fato.

No entanto, ao longo do século XX e especialmente no século XXI, houve um movimento significativo para desafiar e reconstruir o cânone literário, buscando incluir vozes e perspectivas anteriormente excluídas. Isso abarca um resgate e uma valorização maior de obras de autores indígenas, afro-brasileiros, LGBTQIAPN+, entre outros grupos sub-representados. É a partir dos anos de 1980, com os caminhos abertos pelo comparatismo e pelos estudos culturais, que o mercado editorial brasileiro passou a privilegiar a voz de quem não possuía espaço para falar, a exemplo de mulheres, negros, indígenas, homossexuais. (Camargo; Lima; Mitidieri, 2020, p. 301)

A revisão do cânone literário brasileiro representa um grande movimento em direção à inclusão e à diversidade na representação cultural. Ao desafiar as normas estabelecidas pelo eurocentrismo e pelo colonialismo, acadêmicos e críticos literários procuraram expandir o conjunto de obras consideradas fundamentais e influentes. Este esforço não apenas reconhece a importância de vozes anteriormente marginalizadas, mas também enriquece profundamente a compreensão da identidade cultural brasileira.

A inclusão de obras de escritores indígenas, afro-brasileiros, LGBTQIAPN+ e outros grupos historicamente sub-representados não apenas diversifica o cânone literário, mas remodela a própria narrativa literária nacional. Essas novas perspectivas não apenas enriquecem a experiência literária do público brasileiro, mas também questionam as estruturas de poder que historicamente moldaram a cultura literária do nosso país.

2 A LITERATURA NEGRA E O CÂNONE NO BRASIL

A Literatura Negra no Brasil se destaca como um veículo de resistência e enfrentamento ao cânone predominante, que historicamente privilegiou narrativas de escritores brancos e eurocêntricos. Ao longo dos séculos, escritores negros têm usado



a palavra escrita como uma ferramenta de afirmação identitária e de contestação das estruturas de poder que perpetuam a marginalização e o apagamento da experiência negra.

Essa literatura, marcada por uma variedade de estilos, gêneros e temas, desafia os estereótipos e as narrativas hegemônicas, oferecendo uma perspectiva autêntica e multifacetada das realidades vividas pela população negra no Brasil. Por meio de suas obras, os escritores negros reivindicam sua voz, sua história e sua humanidade, contribuindo para a construção de uma narrativa literária mais inclusiva e diversificada. Historicamente, e como resultado da existência enquanto uma colônia europeia, o Brasil negou a seu povo negro o direito à literatura e à expressão literária. O cânone foi definido com base no que vinha da Europa, afinal somente o que era produzido por povos considerados “superiores” e “civilizados” poderia, teoricamente, servir de base para a fundação de todo um ideal literário do país.

Problematizar a definição de cânone é essencial para compreender a posição de obras como *Torto Arado* dentro da literatura brasileira. Enquanto as obras escritas por autores brancos foram tradicionalmente privilegiadas, é imperativo expandir nossas noções de canonização para incluir vozes marginalizadas e experiências diversas. Questionar esse contexto significa analisar como a literatura brasileira tradicionalmente marginalizou ou estereotipou as narrativas de temáticas negras ou de representação de corpos negros, muitas vezes retratando-os de maneira simplista ou exótica. Além disso, é importante considerar como diversos fatores influenciam não apenas a produção literária, mas também as oportunidades de publicação, reconhecimento e circulação de obras de autores negros.

Localizado dentro do contexto histórico e social do Brasil, a escrita do geógrafo Itamar Vieira Junior ressoa com as experiências das comunidades negras ao longo da história do país. Ao invés de reduzir suas personagens a estereótipos, Vieira Junior as humaniza, dando-lhes voz e agência próprias, e evitando clichês comuns. Seu estilo literário, poético e sensível, realça a beleza e dignidade das experiências das personagens, mesmo nas situações mais difíceis, contribuindo para a profundidade emocional da narrativa. O claro compromisso social do autor vai além da mera representação, provocando reflexão e empatia nos leitores e incentivando uma compreensão mais profunda das injustiças enfrentadas pelas comunidades marginalizadas. Ao retratar as injustiças sistêmicas e as lutas cotidianas das protagonistas femininas, o livro oferece uma visão autêntica das realidades enfrentadas por comunidades marginalizadas no Brasil.

Ir na contramão do cânone é uma forma legítima de resistência, a qual só existe porque existe poder. Em sua *Necropolítica* (2003), o autor Achille Mbembe define que as relações de poder estão concentradas nas mãos de uma soberania absoluta que define quem pode permanecer vivo ou deve morrer. Tanto Belonísia quanto Bibiana são mulheres

negras que não têm direito a nada, elas não são donas de seus corpos, não são donas do fruto de seus trabalhos e não têm direito à fala, uma delas, ainda, de forma trágica e literal.

Refletir sobre a definição de poder implica, historicamente, considerar sua relação intrínseca com o privilégio socioeconômico e racial. Ao longo dos séculos, os detentores do poder têm sido predominantemente representados pela elite branca, cuja influência e controle sobre os recursos econômicos têm sido incontestáveis. Por exemplo, durante a Idade Média, a Igreja detinha uma posição dominante, controlando vastas extensões de terras e exercendo poder político e religioso sobre a sociedade. Esta concentração de poder e privilégio econômico estava intimamente ligada à identidade racial, refletindo as estruturas de dominação e hierarquia presentes na sociedade.

A persistência dessa dinâmica pode ser observada ao longo da história, especialmente durante a era das navegações e colonização, quando os Estados europeus acumularam riquezas e poder através da exploração de territórios coloniais. Nesse contexto, o Brasil emerge como um exemplo paradigmático, marcado tanto pela herança colonial quanto pela continuidade do racismo estrutural.

No mundo fictício de *Torto Arado*, a escravidão persiste como uma força indiferente às leis e à abolição da escravidão, em que a legalidade do indivíduo é submissa aos interesses dos senhores de terra. Nesse cenário, não há espaço para vida ou fuga além das fronteiras impostas, e as vidas dos personagens estão intricadamente ligadas à vida de milhares de outros negros e a um passado marcado pela diáspora forçada e pelo derramamento de sangue. Dessa forma, percebe-se que a Literatura Negra recebeu destaque ao colocar seus corpos em ênfase, narrando suas lutas diárias, a exclusão e o preconceito sofridos. Ao ser marginalizado e silenciado, o sujeito precisa encontrar meios de se tornar político e de resistir para reverter sua situação, afinal aquele que não tem voz precisa se expor para ser enxergado.

No romance, os corpos negros são submetidos a uma forma contemporânea de opressão, evidenciando a persistência das estruturas de poder desiguais mesmo após a abolição formal da escravidão. A obra destaca como a literatura negra brasileira tem sido fundamental para dar visibilidade às experiências e lutas desses corpos marginalizados, revelando as injustiças enfrentadas e os mecanismos de resistência adotados. A representação desses corpos em destaque na narrativa não apenas ilustra a realidade histórica, mas também ressalta a importância de se confrontar as injustiças e de buscar formas de emancipação e empoderamento dentro de uma sociedade que continua a perpetuar o racismo estrutural. Assim, a literatura negra não apenas documenta as injustiças sofridas pelos corpos negros, mas também se torna um espaço de resistência e reivindicação de direitos, incentivando a reflexão e a ação em prol da igualdade racial e social.



3 A INTERSECCIONALIDADE EM *TORTO ARADO*: RELAÇÕES DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE

As personagens Bibiana e Belonísia representam vividamente a figura da mulher negra brasileira subalterna e oprimida. A condição de trabalhadoras, mulheres e afrodescendentes as coloca em grupos sociais historicamente marginalizados e explorados no contexto brasileiro. A interseccionalidade dessas identidades contribui significativamente para sua posição subalterna na estrutura social. Ao longo da narrativa, são evidentes as diversas formas de opressão que enfrentam, abrangendo aspectos econômicos, de gênero, étnicos e culturais. A perspectiva interseccional reconhece que as identidades individuais são moldadas por múltiplos eixos de poder e opressão, tais como gênero, raça, classe social, orientação sexual e deficiência, entre outros. Esses eixos estão interligados e se sobrepõem, influenciando assim a experiência e as circunstâncias de vida de cada indivíduo.

A interseccionalidade permite enxergar como as mulheres negras enfrentam não apenas o sexismo e o racismo, mas também as desigualdades econômicas resultantes do capitalismo e as normas de gênero impostas pelo patriarcado. Esses sistemas de opressão são, muitas vezes, reforçados por estruturas coloniais que persistem na sociedade contemporânea, perpetuando a marginalização e a violência contra as mulheres negras.

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (Crenshaw, 2002, p. 177).

Kimberlé Williams Crenshaw (2002) divide o conceito de interseccionalidade em duas categorias: estrutural e política. A dimensão estrutural refere-se à posição das mulheres negras na intersecção de raça e gênero, concentrando-se nas violências que enfrentam e nas maneiras como respondem a essas violências. Para tanto, além de fornecer uma compreensão mais profunda das interações entre diferentes formas de subordinação, a interseccionalidade também destaca como o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades fundamentais que moldam

as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras identidades. Esse viés analítico não apenas reconhece a existência dessas desigualdades, mas também examina como ações e políticas específicas podem perpetuar e agravar as opressões ao longo desses eixos interseccionais, contribuindo assim para o desempoderamento dinâmico das comunidades afetadas.

A interseccionalidade atinge as personagens de forma direta, essas mulheres são herdeiras de uma série de estigmas e fatores que irão determinar não somente como serão suas vidas, mas, ainda, a forma como são vistas pela sociedade. É impossível refletir sobre essas mulheres fictícias e não chegar à conclusão de que são o retrato de incontáveis mulheres que já ouvimos falar, vimos ou conhecemos. Porém, essas características não parecem ser enxergadas como limitadas pelas principais afetadas.

Bibiana desafia todo esse sistema ao se tornar uma professora, uma profissional formadora de outros sujeitos, letrada e casada com um homem, Severo, que enxerga na distribuição e reivindicação de posses o direito de toda aquela gente moradora de Água-Negra e, conseqüentemente, responsável por todo crescimento e safra da propriedade onde lhes era negado até mesmo a possibilidade da construção de uma casa de alvenaria, demonstrando mais uma vez como são sujeitos efêmeros em uma sociedade em que o tempo passa e o poder continua nas mãos dos mesmos indivíduos.

A perda da fala para Belonísia é um divisor de águas em toda sua vida, um marco que a transforma para todo o sempre. A mudez lhe tira o interesse pelo aprendizado, pois não deseja saber sobre questões escolares, conforme se pode ver no excerto a seguir:

[...] Diferente de Bibiana, que falava em ser professora, eu gostava mesmo era da roça, da cozinha, de fazer azeite e de despolpar o buriti. Não me atraía a matemática, muito menos as letras de dona Lourdes. Não me interessava por suas aulas em que contava a história do Brasil, em que falava da mistura entre índios, negros e brancos, de como éramos felizes, de como nosso país era abençoado. Não aprendi uma linha do Hino Nacional, não me serviria, porque eu mesma não posso cantar [...] (Vieira Junior, 2019, p. 100).

Belonísia tem um direito negado e devido à sua deficiência sequer pode cantar o hino nacional e assim inserir seu corpo em um contexto de pertencimento à nação. Porém, como poderia desejar ou ter quaisquer direitos em uma pátria e uma sociedade que não a quer e não a acolhe? O fruto de seu trabalho pertence ao senhor da fazenda, seu corpo é feito para o labor e para servir ao homem e aos trabalhos domésticos.

O destino, que a princípio seria idêntico para duas irmãs que provêm de uma mesma origem e criação, as transforma em mulheres com vidas adultas completamente distintas,



porém ainda com as mesmas marcas. Bibiana refaz seu destino ao fugir de Água-Negra, não se permitindo limitar por suas condições. Belonísia permanece ali e luta, aguerrida, contra as imposições e ao modo árido de vida, tornando-se um exemplo de força e de superação, e, apesar da ausência da fala, os seus gestos dizem por si.

A análise das diversas formas de opressão sobrepostas é fundamental para entender as dificuldades enfrentadas por Bibiana e Belonísia, personagens que representam a mulher negra brasileira em posição de subalternidade e opressão. Suas identidades marcadas por múltiplos fatores sociais revelam as várias camadas de exclusão que moldam suas trajetórias e experiências cotidianas. Bibiana, ao se tornar professora, desafia diretamente o sistema de opressão que tenta limitar suas possibilidades. Sua trajetória de resistência e superação ilustra como a interseccionalidade não apenas revela as opressões, mas também destaca as formas de resistência que emergem dessas mesmas condições adversas. A aliança com Severo, que luta pela redistribuição justa das terras, também sublinha como as opressões de classe e raça estão interligadas e precisam ser combatidas simultaneamente para promover uma emancipação mínima.

Por outro lado, Belonísia, cuja perda da fala simboliza a violência estrutural e simbólica a que está submetida, encontra no trabalho agrícola e doméstico uma forma de resistência e afirmação de sua identidade. Sua recusa em se engajar nas narrativas oficiais de pertencimento nacional, como a aprendizagem do Hino Nacional, evidencia sua consciência crítica sobre a exclusão sistemática que sofre. A transformação das vidas de Bibiana e Belonísia, embora divergentes, demonstra que, apesar das diferentes respostas à opressão, ambas carregam as marcas indelévels de um sistema que perpetua a marginalização. No entanto, suas histórias também exemplificam a resiliência e a capacidade de agência das mulheres negras, que, mesmo enfrentando múltiplas formas de opressão, encontram maneiras de resistir e reconfigurar seus destinos

Diante da análise interseccional das personagens, somos diretamente levados a refletir a respeito de todos os entrelaces que formam a existência de Bibiana e de Belonísia. Mulher, negra, camponesa, pobre. A interseccionalidade de gênero, raça e classe está completamente alinhada quanto a análise dessas mulheres, pois não se pode refletir sobre um desses aspectos sem levar o outro em consideração e assim sucessivamente. As mulheres detentoras de tais rótulos foram historicamente apagadas da história, ignoradas por um cânone que deu destaque ao pensamento eurocêntrico e a uma visão de mulher que não corrobora com a figura real.

As trajetórias de Bibiana e Belonísia são atravessadas por questões de identidade, resistência e sobrevivência no contexto rural opressivo. Vieira Júnior problematiza as noções monolíticas de feminilidade e maternidade, explorando as múltiplas maneiras como as mulheres negras enfrentam e resistem às estruturas de poder patriarcais e coloniais.



A interseccionalidade entre raça, classe, gênero e sexualidade tem como objetivo entender a preocupante indiferença que os homens demonstram em relação às violências que são sistematicamente infligidas sobre as mulheres de cor, ou seja, mulheres não brancas vítimas da colonialidade do poder e, inseparavelmente, da colonialidade do gênero (Lugones, 2008, p.73).

María Lugones (2008) destaca a interseccionalidade entre raça, classe, gênero e sexualidade como marcas para se perceber como as mulheres não brancas são aviltadas constantemente na cultura. Em consonância com as reflexões de Vieira Júnior em *Torto Arado*, as personagens de Bibiana e Belonísia emergem como testemunhas das intersecções complexas de opressão e resistência. A obra de Vieira Júnior não apenas desafia a representação monolítica de feminilidade imposta pelo cânone eurocêntrico, mas também sublinha a urgência de uma crítica decolonial que reconheça e valorize as vozes e experiências historicamente marginalizadas.

4 O BRASIL PROFUNDO EM *TORTO ARADO*: A LUTA POR VOZ, IDENTIDADE E RESISTÊNCIA NO INTERIOR DO PAÍS

O conceito de Brasil Profundo refere-se aos indivíduos e culturas que habitam o interior do país, representando as dimensões mais profundas e menos exploradas da sociedade brasileira. Vieira Junior explora a ideia de que há uma camada mais profunda da cultura brasileira, frequentemente negligenciada ou invisibilizada pela hegemonia cultural e pelo processo histórico de colonização. O termo sugere a necessidade de explorar não só a natureza geográfica, mas também a natureza cultural e social do país, indo além das imagens superficiais e estereotipadas frequentemente apresentadas nos meios de comunicação social e na cultura popular. Representa uma tentativa de reconhecer a variedade cultural brasileira, incluindo tradições indígenas, afro-brasileiras, rurais e outras formas de valorizar múltiplas identidades e experiências que constituem expressões complexas que são frequentemente marginalizadas ou sub-representadas.

A obra *Torto Arado* mergulha nas profundezas do conceito de Brasil Profundo, explorando eventos e elementos que revelam as camadas autênticas e muitas vezes negligenciadas da cultura brasileira. Ambientado na fictícia fazenda Água Negra, localizada no interior da Bahia, a obra não apenas narra a vida das irmãs Bibiana e Belonísia, mas também explora as práticas culturais e as crenças arraigadas na vida rural. O acidente que resulta na perda da língua de Belonísia por um punhal não é apenas um evento traumático na trama, mas também um símbolo poderoso de como as vozes



subalternizadas são silenciadas e marginalizadas na sociedade brasileira, o que nos faz retornar ao conceito de biopoder.

Na formulação de Foucault, o biopoder parece funcionar mediante a divisão entre as pessoas que devem viver e as que devem morrer. Operando com base em uma divisão entre os vivos e os mortos, tal poder se define em relação a um campo biológico – do qual toma o controle e se inscreve. (Mbembe, 2018, p. 17)

Este incidente ressoa com o conceito de necropolítica, onde o poder controla não apenas quem vive, mas também quem fala e é ouvido. O incidente da perda da língua de Belonísia não só ilustra a vulnerabilidade das vozes marginalizadas, mas também destaca como o poder pode instrumentalizar a vida e a morte como formas de controle social. Em termos de necropolítica, conceito desenvolvido por Achille Mbembe, o Estado ou outras entidades exercem não apenas o poder de decidir quem vive e quem morre, mas também de regular quem pode falar e ser ouvido.

Nesse sentido, a perda da língua de Belonísia não é apenas um trauma individual, mas um exemplo da maneira como estruturas de poder históricas e contemporâneas operam para manter certos grupos subalternizados, privando-os não apenas de vida digna, mas também de expressão e reconhecimento de suas experiências e identidades. Ao optar por, inconscientemente, amputar sua língua, Belonísia, de certa maneira, assimila as estruturas de poder que a subjagam, agindo contra si mesma em um gesto de resistência deturpado. Esta autoagressão pode ser interpretada como uma reação contra a linguagem que a desacredita e a narrativa predominante que a ignora. No entanto, essa decisão também a exclui do acesso à voz, um recurso essencial para a afirmação de sua identidade e vivências. Portanto, o encanto pelo objeto que simboliza sua língua cortada serve como um elo entre a personagem e sua subalternização, simbolizando a luta interna entre o desejo de expressão e a realidade do silenciamento.

Além dos aspectos individuais das personagens, o romance de Vieira Junior tece uma teia complexa de relações familiares e comunitárias que captura as dinâmicas sociais abissais do Brasil Profundo. Aqui, tradições ancestrais, mitos locais e práticas de resistência se entrelaçam, oferecendo uma visão rica e multifacetada da cultura brasileira que muitas vezes é eclipsada pela representação estereotipada nos meios de comunicação e na cultura de massa. A narrativa não se limita a descrever um espaço geográfico específico, mas busca revelar as contradições e as lutas por justiça social e reconhecimento identitário que moldam as vidas das personagens.

O conceito de Brasil Profundo desafia o cânone literário ao trazer à tona vozes e experiências que tradicionalmente foram marginalizadas ou ignoradas pelas correntes



dominantes da literatura brasileira, com exceção de alguns romances dos anos 1930, ainda assim escritos por homens e mulheres brancos. Essa noção engloba as profundezas culturais, sociais e históricas do país, frequentemente sub-representadas nas narrativas literárias estabelecidas. Autores que exploram o Brasil profundo buscam desconstruir a visão eurocêntrica que historicamente moldou o cânone, que privilegiou obras produzidas por autores brancos, europeus e urbanos em detrimento das vozes das periferias geográficas e sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura frequentemente é vista como uma forma de arte que reflete e documenta os tempos, mas sua capacidade de gerar mudanças sociais diretas é amplamente debatida. Embora as obras literárias possam provocar reflexões profundas e questionamentos sociais, sua eficácia em instigar movimentos sociais concretos é limitada. A literatura, no entanto, desempenha um papel crucial ao oferecer novas perspectivas e narrativas que podem influenciar gradualmente a consciência coletiva e abrir caminhos para discussões importantes sobre questões sociais e políticas.

O cânone literário, por sua vez, é um constructo padronizado, e majoritariamente resistente a mudanças significativas. Tradicionalmente, o cânone tende a privilegiar obras que se alinham com certos padrões estéticos, ideológicos e culturais predominantes em determinado período histórico e contexto cultural. A consagração no cânone pode proporcionar reconhecimento duradouro e influência sobre gerações futuras, mas também pode resultar na marginalização de vozes e perspectivas não conformes ao fluxo cultural principal.

Embora o cânone seja uma forma de consagração literária, ele não é estático nem imutável. O cânone literário está sujeito a revisões e críticas constantes que desafiam suas limitações e exclusões. Autores latino-americanos, por exemplo, frequentemente são confrontados com desafios de serem reconhecidos dentro de um cânone dominado por obras eurocêntricas.

A luta por inclusão no cânone constantemente reflete um esforço mais amplo para reconhecer a diversidade cultural e as contribuições de diferentes grupos sociais na formação da identidade literária de um país ou região. No contexto de *Torto Arado*, a personagem Belonísia, que perde a capacidade de falar, levanta questões profundas sobre a linguagem como um instrumento de poder e identidade. Sua condição destaca como aqueles que são silenciados ou marginalizados dentro de estruturas de poder enfrentam obstáculos significativos para fazer suas vozes serem ouvidas e suas experiências reconhecidas.



Torto Arado, ao abordar essas questões profundas através da narrativa de Bibiana e Belonísia, não apenas desafia o cânone literário brasileiro ao ampliar as perspectivas e vozes representadas, mas também ressoa com discussões críticas sobre poder, identidade e justiça social na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

LUGONES, Maria. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar: 2020. p. 52-83.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Trad. Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018. DOI: <https://doi.org/10.25058/20112742.340>.

MITIDIÉRI, André Luis; CAMARGO, Fabio Figueiredo; LIMA, Marcus Antonio Assis. Das Configurações Homoeróticas às Re(con)figurações Transviadas. In: MITIDIÉRI, André Luis; CAMARGO, Fabio Figueiredo; SACRAMENTO, Sandra (Orgs.). **Revisões do Cânone**. 1. ed. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2020. p. 292-312.

OLIVEIRA, Margarete Aparecida de. **Narrativas de favela e identidades negras [manuscrito]**: Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo. 2015. 112 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2015.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. André Pereira Feitosa, Marcos Pereira Feitosa e Sandra Regina Goulart Almeida. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. **Porque a literatura é minha profissão de fé**. Jornal O Globo, Rio de Janeiro, 30 mar. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/itamar-vieira-junior/2024/03/por-que-a-literatura-e-minha-profissao-de-fe.shtml>. Acesso em: 12 jul. 2024.

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2019.

WYNTER, Sylvia. Unsettling the Coloniality of Being/Power/Truth/Freedom: Towards the Human, After Man, Its Overrepresentation—An Argument. *CR: The New Centennial Review*, Michigan State, v. 3, n. 3, p. 257-337, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1353/ncr.2004.0015>.